



FINANÇAS PESSOAIS



NA WEB
Especial. Os primeiros passos para começar a investir o seu dinheiro
estadao.com.br/especialfinancas

Bolsa é oportunidade para longo prazo

Setor financeiro, exportadoras e varejistas menos afetadas pela crise lideram as recomendações, mas investidor deve olhar para além de 2016

Bianca Pinto Lima

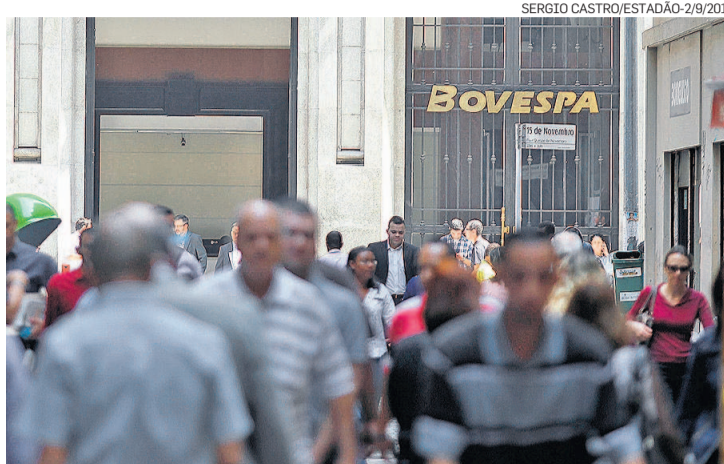
Arenda fixa domina as carteiras de investimento para 2016, mas a Bolsa não pode ser ignorada se o foco for o longo prazo. Para quem quer fazer uma aplicação para o filho, por exemplo, é um bom momento para comprar as ações aos poucos e, assim, aproveitar o período de baixa. A receita é ter tranquilidade para suportar as fortes oscilações, a cada nova incerteza nas esferas política e econômica, e muita cautela na seleção dos papéis.

As recomendações de analistas giram em torno de três tipos de empresas: as que se beneficiam dos juros altos; as que ganham com a valorização

do dólar, seja por serem exportadoras ou terem operações internacionais diversificadas; e as que vendem itens essenciais e, portanto, são menos afetadas pela recessão, como o varejo farmacêutico e de alimentos.

Defesa. “São papéis bem defensivos e que têm particularidades que os farão sofrer menos nesse cenário incerto de 2016”, diz Sandra Peres, analista-chefe da corretora Coinvalores. Dentro desses setores, no entanto, é fundamental olhar cada empresa individualmente.

Fugir da composição do Ibovespa também é um conselho recorrente, uma vez que o índice ainda é muito concentrado no setor de commodities, que



Cautela. Ibovespa teve o terceiro ano seguido de perdas

sofre com a desaceleração da China e a queda dos preços. Os desempenhos recentes do índice confirmam o mau momento: em 2015, a queda foi de 13,3%,

após um recuo de 2,91% em 2014 e de um tombo de 15,5% em 2013.

Nesse período de três anos, o principal índice da Bolsa des-

pencou dos 60 mil pontos para um patamar abaixo de 44 mil. Mesmo assim, muitos analistas ainda não classificam o mercado brasileiro como barato. “A relação entre preço e lucro (*das ações*) está igual à média dos últimos sete anos, então a Bolsa não está cara nem barata. Mas alguns papéis estão bem descontados”, afirma Ronaldo Patah, estrategista do banco UBS.

Três ações lideram as sugestões das seis corretoras e um banco ouvidos pelo **Estado**: Ambev, Itaú Unibanco e Cielo (*veja a carteira completa abaixo*). Esses papéis já faziam parte da maioria das carteiras do ano passado e permanecem como as grandes apostas. “O ano de 2016 será um espelho de 2015. A não ser que aconteça al-

go fora da curva, como o impeachment da presidente Dilma Rousseff”, comenta o analista-chefe da corretora Magliano Henrique Kleine, ao reforçar o cenário de juros e dólar altos e atividade econômica em queda.

O desempenho dos nove papéis mais recomendados para 2016, no entanto, é bem diferente. No acumulado do ano, a empresa de papel e celulose Suzano tem valorização de 72,7%, impulsionada pela variação cambial, enquanto o Grupo Pão de Açúcar aparece no extremo oposto, com recuo de 56,9%. O **Estado** consultou o banco UBS e as corretoras Ativa, Rico, Coinvalores, Socopa, Magliano e Guide.

AS AÇÕES MAIS RECOMENDADAS

Empresa	Recomendações	Variação em 2015
Ambev ON	★★★★	▲ 12,99%
Itaú Unibanco PN	★★★★	▼ -12,48%
Cielo ON	★★★★	▼ -1,47%
Suzano PNA	★★★	▲ 72,73%
BR Foods ON	★★★	▼ -11,45%
Pão de Açúcar PN	★★★	▼ -56,94%
Ultrapar ON	★★★	▲ 20,36%
Bradesco PN	★★★	▼ -30,05%
Raia Drogasil ON	★★	▲ 41,88%

Alta renda mira diversificação com investimentos no exterior

Fundos que aplicam em ações estrangeiras se destacam; COE chega ao varejo em janeiro e é alternativa

Mariana Congo

O investidor de alta renda deve aproveitar 2016 para correr risco fora do Brasil. O confuso cenário político e econômico no País dificulta projeções e prejudica o mercado. Boa parte das ações brasileiras amarga queda. Já dentro os fundos que investem em Bolsa, o de aplicações no exterior foi um dos poucos com resultado positivo neste ano: rentabilidade acumulada de 32,9% (*veja quadro ao lado*).

Investir fora do País, entretanto, ainda é restrito à alta renda – mesmo com as novas regras da indústria de fundos, em vigor desde outubro. Produtos como os fundos de

investimento no exterior exigem, em média, aporte mínimo de R\$ 25 mil, mas são destinados a investidores com pelo menos R\$ 1 milhão em aplicações.

“O brasileiro já era um consumidor global de bens. Agora, também consegue ser um investidor global”, diz Mauro Morelli, superintendente de investimentos do Citi. Isso porque as novas regras dos fundos permitiram maior exposição a ativos estrangeiros, beneficiando o investidor com diversificação. O Citi, por exemplo, lançou quatro novos fundos focados no exterior apenas no último trimestre. Uma das diretrizes do banco é aplicar em ações da Europa e do Japão, beneficiadas pelos programas de incentivo à economia realizados pelos respectivos bancos centrais.

O Citi tem uma preferência por fundos que fazem hedge, ou seja, operam no mercado futuro para proteger a aplicação do sobe e desce do câmbio. “O retorno vem especificamente do

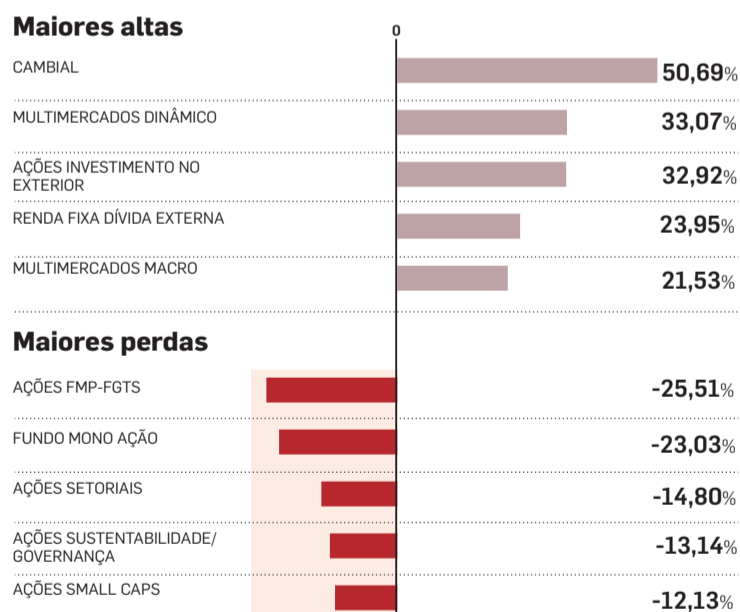
ativo internacional. Com isso, exercemos de fato a diversificação. Corremos o risco de outro País sem poluir o retorno com a volatilidade do dólar no Brasil”, explica Morelli.

Mas as estratégias para aplicar fora do País variam de acordo com o gestor. Na Rio Bravo, há fundos com foco no exterior que não fazem hedge. “Lançamos um fundo com uma gestora inglesa de renda variável na Europa. Com isso, capturamos o embasamento macroeconômico europeu, fazemos uma gestão ativa para ter um ganho excedente e investimos em euro. Não fazemos o hedge”, conta Eduardo Levy, gestor da Rio Bravo Investimentos.

O movimento do câmbio, porém, é sempre uma incógnita. Enquanto alguns gestores ainda esperam muita volatilidade para o dólar em 2016, outros acreditam que a oscilação será menor, apesar de o Federal Reserve (o Fed, banco central dos Estados Unidos) ter iniciado

EXTERIOR EM ALTA

• Veja ranking dos fundos em 2015*



*Rentabilidade acumulada em 2015 até 23/dezembro

FONTE: ANBIMA

INFORMAÇÃO/ESTADÃO

em dezembro um ciclo de alta do juro básico, que estava zerado desde a crise financeira. “O dólar pode se fortalecer ainda mais e enfraquecer o real. No curto prazo, os títulos de crédito privado fora do País podem

sofrer com a volatilidade”, diz Ernesto Leme, diretor comercial da Claritas Investimentos.

COEs. Além dos fundos, outra forma de investir parte do capital fora do País é por meio do

Certificado de Operações Estruturadas (COE).

Hoje distribuídos de maneira privada, somente a clientes de alta renda dos bancos, eles devem ganhar mercado em 2016. A instrução 569, da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), regulamentou a oferta pública do COE. Tão aguardada em 2015 (entraria em vigor em 14 de dezembro), foi adiada para 26 de fevereiro, para adaptação do mercado, informou a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima).

Com essa oferta pública, os COEs poderão ser distribuídos por corretoras e finalmente chegarão ao varejo. O produto mistura renda fixa e variável, e persegue a rentabilidade de ativos ou índices, entre eles câmbio e ações (nacionais ou estrangeiras).

Eduardo Alhadef, executivo do JPMorgan Asset Management, destaca que é sempre necessário avaliar o prazo. “O investidor de curto prazo deve manter posições mais conservadoras dentro do País, como CDI. Já para médio e longo prazos, há um cenário convidativo lá fora”.

Fundos aproveitam o efeito câmbio

Yolanda Fordelone

A alta de quase 50% do dólar ao longo de 2015 assustou quem tinha viagem marcada ao exterior e satisfaz aqueles que conseguiram aproveitar a escalada da moeda. No segundo grupo estão os investidores dos fundos cambiais e os multimercados. “Os multimercados se beneficiam de movimentos como o que ocor-

reu com o câmbio. Os gestores atentos apostaram no dólar neste ano”, diz o diretor da Claritas Investimentos Ernesto Leme.

Para 2016, a tendência da moeda americana ainda é de valorização. “O dólar deve continuar subindo no próximo ano, mas não na intensidade de 2015”, avalia o superintendente de estratégia de mercado da Bradesco Asset Management, Carlos Rocha. A volatilidade deve continuar e, por isso, os multimercados figuram entre as apostas dos gestores. “Os multimercados têm quase uma responsabilidade de tirar proveito dos movimentos, seja ele em taxas de juros ou em câmbio. Uma for-

ma de você se proteger da alta do dólar seria por desses fundos”, afirma Eduardo Levy, gestor da Rio Bravo Investimentos.

Além de investir em moedas, tal categoria de fundos pode alocar parte da carteira em ativos no exterior e, assim, ficar atrelada à

variação cambial. Pela instrução 555 da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), subiu para 20% o limite que os fundos de varejo

podem aplicar no exterior. No caso de investidores com ao menos R\$ 1 milhão, o percentual sobe vai a 40%.

AVALIAÇÕES

Presente em todo o país, a **ENGEBANC** avalia seus imóveis no padrão ABNT com rapidez e segurança. Conte com nossos especialistas.

(11) 3039-3525
comercial@engebanc.com.br
www.engebanc.com.br

SECRETARIA DA FAZENDA COORDENADORIA GERAL DA ADMINISTRAÇÃO DEPARTAMENTO DE SUPRIMENTOS E ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Comunicamos que se acha aberta, nesta Secretaria da Fazenda, licitação na modalidade Pregão Eletrônico NC nº 01/2016, do tipo Menor Preço, para a Prestação Contínua de Serviços de Fornecimento de Solução de Segurança com Filtro de Conteúdo Web para 10.000 (Dez Mil) Usuários, Atualmente em Produção, Incluindo Suporte Técnico Especializado e Contratação de Banco de Horas, a ser realizada por intermédio do sistema eletrônico de contratações denominado “Bolsa Eletrônica de Compras do Governo do Estado de São Paulo”, cuja abertura está marcada para o dia 18/01/2016, às 10:00 horas. Os interessados em participar do certame deverão acessar a partir de 05/01/2016, o site: www.las.sp.gov.br, mediante a obtenção de senha de acesso ao sistema e credenciamento de seus representantes. O Edital da presente licitação encontra-se disponível no site www.mprensadoficial.com.br, opção “negócios públicos”.